LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian1057inst

Revista GREGORIANA

ANO X
MAIO - JUNHO
1963

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 29 1998
THEOLOGICAL SEMINARY

57

NA MORTE DE JOÃO XXIII 2

NA ELEIÇÃO DE PAULO VI 6

D. CIRILO FOLCH GOMES O. S. B.

A Assunção de Nossa Senhora 12

HENRI POTIRON

Modalidade 24

"KEUR MOUSSA" 28

Crônicas Radiofônicas (D.J.E.E.):

A renovação da Páscoa e a nova condição humana 31

O risco que a democracia não deve correr 36

O dom das lágrimas e a visão da Paz 39

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes)

Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade. Método Ward.

ÓRGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B

Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL 26-1822

* — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou a ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO: Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, Rio de Joneiro.

* — ASSINATURA ANUAL, (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral — Para o Brasil: CrS 400,00 — Para o Estrangeiro CrS 750,00 — Numero avulso: CrS 70,00 — Via aérea CrS 750,00 para o Brasil — Mudança de enderêço — CrS 10,00.

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Socios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (E grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio.

* — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferencias, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxilio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio titular — CrS 500,00 por ano;
Sócio Protetor — CrS 800,00 por ano;
Sócio Fundador — CrS 1.000,00 por ano;
Sócio Benfeitor — CrS 2.000,00 por ano... ou mais

— Assim também a Revista "PERGUNTE E RESPONDEREMOS" Assinatura: CrS 500,00. Via aérea CrS 780,00 — Para o Estrangeiro: CrS 780,00 — Número avulso: CrS 50,00 (atrazado: CrS 65,00) — Mesmo endereço acima

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

A MISSÃO DA IGREJA é essencialmente religiosa, é comunicação de Graça e consiste no prolongar a VIDA DE CRISTO NO MUNDO, no fazer a humanidade participante dos mistérios do CRISTO, na ENCARNAÇÃO e REDENÇÃO. Tudo isso acontece por obra do *ministério sacerdotal.* De onde a necessidade de intensificar a ação pastoral pròpriamente dita, de escolher os meios mais apropriados para alargar o raio de influência dessa ação, de forma a que atinja tôdas as camadas da sociedade. Quanto mais profunda se tornar esta ação, tanto mais intensos serão os benéficos reflexos que ela não deixará de fazer sentir também em outros setores da atividade humana. Se, com efeito, a MISSÃO DA IGREJA não é diretamente nem política, nem social, nem econômica, nada entretanto existirá de estranho para o SACERDOTE que compreendeu bem o valor e a extensão do seu MINISTÉRIO que é o de em tudo infundir o ESPÍRITO DE CRISTO.

O "MISEREOR SUPER TURBAM" do DIVINO SALVADOR tornar-se-á parte do programa de trabalho do Sacerdote, o qual não ficará indiferente, insensível ou inoperante diante dos irmãos que sofrem, mas, como bom samaritano, saberá debruçar-se sôbre êles e compreender seus problemas. E assim também a ação social, bem compreendida, encontra o lugar que lhe compete entre os deveres do Sacerdote: *será como uma extensão do ministério sacerdotal pròpriamente dito.*

PAULO VI

(audiência de 10 de Julho de 1963)

ESCOLA SUPERIOR DE ... MÉTODO ECLETICO (ZONA SUL) Rua Real Grandeza, 108 Botafogo - GB. ZC-03

NA MORTE DE JOÃO XXIII

Há mais de quatro dias, o mundo todo acompanhava, cheio de angústia, a lenta e dolorosa agonia de um ancião octogenário, natural de Sotto il Monte, cujo nome, ANGELO RONCALLI, tornava-se a 28 de Outubro de 1958 conhecido, quase com indiferença, como sendo o inexpressivo sucessor do grande Pio XII. João XXIII desaparece a 3 de junho de 1963 como "o cidadão do mundo", como digno Representante daquele que o anúncio profético chamou o Príncipe da Paz. A longa agonia não diminuiu a impressão do repentino golpe com que foi detida a nave de velas enfunadas pelo sôpro do Espírito.

Os exemplares do jornal "Osservatore Romano" correspondentes aos vinte primeiros dias de Maio nos dão conta da ainda intensíssima atividade do Papa em diversas solenidades, proferindo discursos, assinando importantes documentos, assistindo atento e alegre à execução da VII^a^ Sinfonia de Beethoven pela orquestra de Bamberg, reunida na sala Clementina do Palácio Vaticano, saindo do Vaticano para uma visita soleníssima ao Presidente SEGNI da Itália, transpondo, com que emoção para um velho italiano, entre as emoções de todos os italianos, transpondo, como Papa, antes de tudo como Pastor e como Pai, os soberbos umbrais ao distante Quirinal; discursando em Palácio e na Basílica de S. Pedro ao receber com solenidade única o Prêmio BALZAN da Paz. Teriam sido superados os sinais tão graves da antiga doença? Êle mesmo o dissera a 25 de Novembro passado; "Acabamos de entrar no nosso octogéssimo segundo ano de vida, será que chegaremos ao fim?" Sente-se com quanta serenidade esta frase profética é pronunciada pelo jovial e confiante Papa da comunicabilidade, do otimismo, daquele que sente a bondade das coisas, a bondade dos dias para finalidades consideradas tão distantes, mas que para Êle se identificam na mesma Bondade; a vida e a morte, o viver e o morrer, já que o morrer transborda para uma outra forma de viver; "Todos os dias são bons para nascer e para morrer".

Os últimos dias de João XXIII vêm nos mostrar de modo inconfundível que para a alma verdadeiramente cristã, que vive da oração e de um contacto permanente com Deus, a participação mais ativa e fecunda nos processos absorventes e apaixonantes dos cuidados terrenos não consegue ser um obstáculo à serenidade do encontro com o sofrimento, com a desintegração rápida e violenta de um organismo que até há pouco parecia atender ao que dêle se pedia, enfim do encontro sereno, quase alegre, otimista — como os outros encontros — com a morte. Ah! quando o agonizante tem nos lábios as palavras de Jesus; "Eu sou a Ressurreição e a Vida"!

João XXIII guarda diante do sofrimento e da morte aquela serenidade humilde que, dias antes, numa solenidade de pompa incomparável, confessava possuir diante da grandeza do cargo que lhe pesava, não, não que lhe pesava, que a caridade tornara suave sôbre seus ombros. Na Basílica Vaticana, ao receber o Prêmio BALZAN da Paz: "O humilde Papa que vos fala tem plenamente consciência de valer pessoalmente bem pouca coisa diante de Deus. Não tem outra coisa a fazer senão se humilhar, agradecer ao Senhor que tanto o favoreceu; com um reconhecimento comovido, êle acolhe o amor dos inúmeros filhos que, de todos os pontos do globo, se voltam para aquêle que exerce, hoje, sôbre a terra, a autoridade de São Pedro e procura viver, o melhor que pode, o testemunho, do glorioso Apóstolo. Nós vo-lo dizemos com tôda a simplicidade, assim como pensamos; nenhuma circunstância, nenhum acontecimento, por mais honroso seja êle para nossa humilde pessoa, poderá exaltar-nos ou atingir a tranqüilidade de nossa alma. Glória a Deus, que, em sua bondade para com seu servo lhe infunde, cada dia, a serenidade e a coragem de prosseguir sua tarefa a serviço da humanidade e lhe faz encontrar reunidos, em tôrno de sua pessoa, os homens de nosso tempo em uma aquiescência tão universal e tão rica de encorajamento para o exercício de seu ministério". Quem não o sentia, quem não via tudo isso na figura inconfundível de Pastor e de Pai que, pela qualidade suprema do Pastor e do Pai, a Caridade, iluminou o mundo em trevas que o acolheu nestes quatro anos e meio de Pontificado. O tempo material de seu govêrno o caracterizaria como um Papa de transição, como uma solução de "entretien". A grandeza de sua obra marcada por estes três monumentos; o Concílio Ecumênico, a "Mater et Magistra"

e a "Pacem in terris", tudo isso envolvido por uma exuberância de afeto, de compreensão, de confiança, de vida enfim nìtidamente sobrenatural, fará dêste curto pontificado algo que permanecerá vivo, luminoso e atuante por um longo período da vida da Igreja.

Não é êste o momento de considerar êstes grandes marcos da obra de João XXIII, vistos à luz de sua personalidade. Tudo isso deverá continuar a ser detidamente meditado como algo de vivo diante da Igreja que caminha para frente.

Ao sentirmos profundamente, com tôda a cristandade, com tôda a humanidade para a qual se revelou o Pai, a dôr e o pezar pela sua morte, não é o sentimento de orfandade que nos assalta, é antes um sentimento de confiança e de revigoramento que essa personalidade transbordante de Espírito transmite à Igreja, mesmo ao morrer. É sobretudo a confiança de que a humanidade, a humanidade tôda pode ser sacudida pode ser despertado para o amor, pode ressurgir das trevas da morte e do ódio, pode unir-se num só anseio de Paz pela fôrça vivificadora do Espírito, pelo "sôpro de um nôvo Pentecostes". Isso que João XXIII queria, como tantas vêzes o exprimiu, fôsse o Concílio para a Igreja, Êle mesmo o foi para tôda a humanidade: uma aurora de esperança, esperança na verdade, na Justiça, na Caridade na Liberdade, na paz, esperança no Espírito de Deus que renovou a face da terra.

Êle parte nesta segunda feira de Pentecostes, deixando-nos, com sua Bênção do leito de morte, o Espírito que o Cristo enviou, depois de sua partida. As palavras do Evangelho que exprimem a partida do Cristo e a vinda do Espírito voltam à nossa memória, ao considerarmos a partida do Pastor que se despede de um rebanho tão grande quanto a Humanidade. "Não vos deixarei órfãos." "O Espírito Santo vos ensinará tudo. Eu vos deixo a Paz, eu vos dou minha Paz. Não vo-lo dou como a dá o mundo. -Ut unum sint". "Para que sejam consumados na unidade".

O mundo continuará o seu curso. Quem nos garante que os que hoje exaltam o morto, já não se preparam assim para denegrir aquele que virá, quem quer que êle seja? Não importa. O testemunho da verdadeira vida foi dado. O testemunho do amor, só êle capaz de unir e de edificar o grande edifício da Paz. O grande testemunho da salvação foi mais uma vez dado diante do mundo que finge poder não

acreditar no mistério da Ressurreição e da Vida. O grande segrêdo dêsse testemunho está nas próprias palavras de João XXIII. No dia de sua coroação, explicou qual o tipo de Papa queria ser: Alguns esperam encontrar um hábil diplomata ou um estadista; outros, um erudito ou um homem organizado, ou alguém cujo pensamento esteja em contacto com todos os ramos do saber moderno. O novo Papa tem em seu pensamento a maravilhosa imagem do Bom Pastor, descrita por S. João, com palavras do próprio Salvador". O Bom Pastor é, na verdade, o que conhece suas ovelhas, e elas o reconhecem, é o que ama suas ovelhas, é o que dá sua vida pelas suas ovelhas. Aí está o retrato de Cristo, ai o retato de seu humilde vigário na terra. O testemunho do infinito amor de Cristo por tôda a humanidade ecoou mais uma vez em todo o universo, através do pulsar ardente do coração de um humilde filho do povo que Deus livremente escolhe para ser seu representante na terra. "Dai a Êle, Senhor, o repouso eterno, e uma luz sem ocaso o ilumine".

NA ELEIÇÃO DE PAULO VI

O mundo todo vibra diante da eleição do nôvo Papa que na manhã desta sexta-feira festa do Sagrado Coração de Jesus chegou a seu termo feliz, depois de cinco escrutínios, sufragando o nome de S. Eminência o Cardeal João Batista Montini, Arcebispo de Milão, como tendo obtido ao menos dois têrços dos votos dos 80 Cardeais participantes do Conclave. Ao ser anunciado ao eleito o resultado positivo da eleição e ao declarar o mesmo que aceitava o munus de Bispo de Roma e de Pai de Cristandade para o qual o Conclave indicava seu nome, estava o até então Cardeal de Milão senhor dos poderes supremos que um dia, há quase vinte séculos Jesus, o Cristo concedeu a um pobre pescador da Galiléia, de nome Pedro. Montini é o ducentésimo sexagésimo terceiro Papa que conta a História desde Pedro, tem 65 anos de idade, o que é considerado pouca idade para ser Papa, ocupava a Sé Arquiepiscopal de Milão desde 1954 por nomeação de Pio XII e foi nomeado Cardeal da Igreja Romana por João XXIII em 1958, sendo o primeiro Cardeal feito por êste Papa. Aliás o Cardinalato de Montini é tôda uma história que será objeto para o estudo dos biógrafos do nôvo Papa. Sabe-se que Montini, com título de "Monsignore", o que não é título raro entre o clero romano, servia a Pio XII como um de seus auxi-

liares imediatos de confiança. Junto a Monsenhor Tardini depois Cardeal e Secretário de Estado de João XXIII, Montini desempenhava as mais altas funções da Secretaria de Estado, que é o órgão através do qual o Papa governa pessoalmente a Igreja em suas questões mais importantes e delicadas. Para um Papa como Pio XII, que fôra Secretário de Estado de Pio XI e que assumia pessoalmente o trato dos problemas, era difícil encontrar um Secretário de Estado que o substituisse, junto a si mesmo, nas funções que por longos anos desempenhara. Não tinha pois Pio XII um Secretário de Estado, mas na verdade tinha três; tinha Tardini, Montini e tinha a sí mesmo, o antigo Secretário Pacelli. Sabia-se bem do valor imenso do trabalho dos dois Monsenhores, figuras de todos os momentos e de tôdas as horas. Certa vez, em grande Consistório, Pio XII, com sua hierática solenidade, anunciou que quisera fazer dois novos Cardeais, pessoas a quem devia imenso e a quem entregara os mais delicados encargos do govêrno da Igreja, mas que êstes dois, cujos nomes não eram citados, mas que estavam mais que revelados e declarados, declinaram humildemente de receber o chapéu Cardinalício, para poderem continuar a servir sem impecilhos de honrarias, precedências, e cerimônias, para poderem continuar a servir com humildade e eficiência no anonimato do grande exército dos monsenhores da Cúria.

Em 1954, com a morte do eminente Cardeal Schuster, Arcebispo beneditino de Milão, Pio XII entregava esta sede, das mais importantes da Itália ao seu auxiliar de tôdas as horas. Montini era feito Arcebispo, Pastor de almas, numa grande cidade, numa zona industrial, num ambiente de grande desenvolvimento em todos os terrenos, sem excluir o universitário e cultural. Montini passou a ser Pastor, sem deixar de ser o diplomata que sempre fôra, o conhecedor dos problemas da Igreja universal, o homem cristão de piedade e de coração, o amante da Liturgia.

O Pastoreio das almas abria-lhe novas perspectivas no campo social e dos problemas humanos.

Em outubro de 1958 Pio XII morre, sem que Montini fôsse Cardeal, êle que fôra escolhido mesmo antes de ser Arcebispo. Não era Cardeal, não participou do Conclave e segundo as normas vigentes, não absolutas, mas respeitadas, não poderia também ser eleito. Todos nos lembramos como naquela época já se falava em seu nome para Papa. Deus sabia

como dirigir a história de sua Igreja. Ganhamos então o grande João XXIII, o bom, o pacífico, o comunicativo.

O nôvo Papa de 78 anos, num gesto profético como que indicava seu sucessor, ao conceder logo o chapéu Cardinalício a Montini a quem admirava profundamente como o manifestou em pleno Concílio Ecumênico. O gesto de João XXIII era cheio de significação, era quase como que uma resposta à sua própria eleição, uma desculpa e uma justificação à sua eleição. Quase que se ouve o velho Pai de Sotto il Monte dizer: Pronto, agora Montini, já é Cardeal, desculpem-me se estou aqui, tenho que continuar, mas êle está preparado. Não o desculpamos de ter continuado, o mundo todo agradece com lágrimas os quatro anos e meio em que Papa João derramou sua bondade e sua compreensão sôbre o mundo, e preparou o caminho para seu sucessor Paulo VI.

Os cristãos de todo o mundo, nos alegramos imenso com o nôvo Papa, com êsse Paulo VI que será um a mais entre aquêles homens excepcionais que nos últimos séculos a Igreja do Cristo vem oferecendo ao mundo como a mostrar onde está não só a santidade, mas a cultura, a civilização, enfim a humanidade, aquela que não vale pelo número de divisões armadas e pela fôrça atômica que possui. Todos se alegram com o nôvo Paulo VI e com o conclave. Mas quais os comentários em tôrno dos últimos dias do conclave?

A imprensa que corresponde a certos círculos se ocupava quase exclusivamente das correntes políticas que estavam em jôgo no conclave, como há pouco já o fizeram relativamente ao Concílio. É certo que onde há homens haverá coisas humanas, mas sem dúvida nenhuma, de maneira muito diversa, em um plano muito mais profundo e complexo do que está ao alcance das possibilidades dos comentadores de sensação compreender. Sobretudo, há algo que lhes escapa; é como as razões humanas, chamadas políticas — dizia-se: Franco teria vetado Montini — sabem, no momento oportuno, ceder o passo às razões de ordem sobrenatural, às razões do Espírito Santo que é afinal quem governa a Igreja, consideração esta que segundo a anedota, talvez verídica, fazia com que, em meio a tantas angústias e preocupações, pudesse conciliar tranqüilamente o sono, no início de seu Pontíficado o nosso bom e querido Papa João. Os jornais e comentadores se deixavam absorver pelas intrigas das grandes correntes em jôgo. Será o nôvo Papa um continuador de obra imensa de renovação delineada pelo Pontífice da "Mater et Magistra" e da

"Pacem in terris"? Será um Papa moderado, um Papa estático, para não dizer de estagnação, ou segundo o jargão irreprimível que não respeita fronteiras, que entra sem espírito de fineza e de distinção em todos os recintos: um de direita, um reacionário em contraposição a um de esquerda? Nem uma coisa nem outra. Há certamente linhas diversas no conduzir determinado govêrno, mas tudo isso se tem necessàriamente de colocar num plano nitidamente sobrenatural que se manifesta em nuanças muito delicadas. O Espírito Santo encontra maneira de surpreender-nos delineando planos com os quais dificilmente poderíamos contar. Está aí ainda bem próximo o Pontificado de João XXIII com a lembrança ainda viva do que se poderia normalmente esperar do simpático ancião eleito e do que realmente foi prodigalizado à Igreja e ao mundo, em seus curtos quatro anos e meio de suave Pontificado, pelo grande João XXIII. A maneira discreta e natural com que estas linhas de govêrno se apresentam, podemos constatá-la através de poucas palavras destacadas de um recente dicurso do então Cardeal Montini, Arcebispo de Milão, palavras que, ditas sem outra intenção valeriam como um programa:

Poderíamos — perguntava o então Cardeal Montini — Poderíamos porventura nos afastar da senda que traçou tão corajosamente o Papa João XXIII para a história religiosa futura: a senda universal da fé católica? João XXIII fixou algumas pautas, de nossas trilhas que será sensato não só recordar como também seguir".

Montini não se enganava. As grandes trilhas de João XXIII serão seguidas porque são conquistas naturais e inevitáveis do espírito do amor evangélico em sua expansão no mundo. É a Redenção do Cristo que toma posse paulatinamente, muito devagar e suavemente, de seu domínio sôbre todo o mundo, e êsse movimento é irreversível por que provém do reinado do Cristo, do domínio de Deus sôbre o mundo. É um passo a mais no desabrochar concreto e sensível do amor de Deus sôbre tôda a sua criatura.

"Quando eu fôr elevado — isto é, crucificado, redimindo o mundo — diz o Cristo, atrairei tudo a mim". É o mundo que segue sua história muito humana, soberanamente livre, mas tôda ela, ao mesmo tempo, conduzida por Deus. O nôvo Papa não será, portanto, um continuador de uma linha política especial, nem alguém mais inclinado a deter temporàriamente a marcha ou pelo menos a reduzir o seu rítmo

até que a Igreja tenha tido tempo de assimilar as modificações realizada no último pontificado, como se dizia há dias. Não passa tudo isso de mínimas nuances ou de visões muito parciais que se perdem no grandioso e imenso plano da salvação realizado pelo Cristo e lançado ao mundo por êle como sementeira de uma colheita.

O nôvo Papa será um nôvo Paulo nesse trabalho apóstólico de conquista e de doutrinação das nações para o Reino de Deus. João XXIII chamou as gentes para que Paulo as ensine com a verdade que é bondade ou não será verdade. Paulo VI será um nôvo Paulo para o mundo.

Já o apóstolo S. Paulo sente com todo o realismo, e com que arrebatamento, as proporções da missão que lhe é imposta, êle pràticamente o primeiro a lançar rêde para a pesca que deverá atingir o "mare magnum" de todo o universo. Exclama êle naquele trecho da Epístola aos Efésios que foi lido na liturgia, ao celebrar-se a festa do Sagrado Coração e ao ser eleito o nôvo Paulo, "A mim, o último dos escolhidos, foi-me concedida esta graça de anunciar às nações a riqueza insondável do Cristo e de expor em plena luz aos olhos de todos os homens a realização do mistério que, desde a origem dos séculos, estava oculto em Deus, criador de tôdas as coisas. Esta sabedoria de Deus, em sua infinita variedade, os próprios anjos que são os Principados e as Potestades do céu, não a descobrem senão voltando-se para a Igreja e contemplando-a. Êles, os anjos, vêm na Igreja a maravilha concebida por Deus, antes que começassem os séculos, no Cristo Jesus, Nosso Senhor. Dessa forma, se nós temos fé no Cristo, seja-nos permitida a audácia de nos aproximarmos de Deus com tôda a confiança. É por isso que caio de joelhos diante do Pai, de quem derivam tôdas as famílias no céu e na terra.

Rogo-lhe que vos conceda, de acôrdo com a riqueza de sua glória, que sejais todos poderosamente robustecidos por seu Espírito, para o fortalecimento do nôvo homem, do ser interior que existe em cada um; Cristo habite em vossos corações pela fé, para que, enraizados e formados na Caridade, vos torneis capazes de compreender, com todos os cristãos qual a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do plano divino, e para conhecer o amor do Cristo, êste amor que ultrapassa qualquer conhecimento. E assim sereis repletos de tôda a plenitude mesma de Deus".

Como vemos, S. Paulo se empolga diante da imensidão da tarefa do Apóstolo que é a de transmitir ao mundo toda essa fôrça transfiguradora do infinito amor de Cristo por todos os homens, judeus ou gregos, bárbaros, servos ou livres, homens ou mulheres; comunistas ou reacionários, africanos ou belgas; japoneses, chineses ou indianos, afinal, americanos ou russos. É esse dinamismo do amor que o apóstolo lança no mundo aos quatro ventos e que chega a deixar estupefactos os anjos do céu, como diz o trecho que acabamos de ler, quando contemplam o amor de Deus que é infinito fazendo pulsar corações bem humanos como o de Pedro, o de Paulo, até o de João XXIII que encantou o mundo, ou de seu sucessor que se apresenta diante do mundo. Êsse fogo de caridade que só quer ser aceso, em nada destrói ou diiui a pureza da verdade, a inexorabilidade da verdade que é uma só, que não é modificada ou empalidecida por Pedro, Paulo ou João; é a verdade contida no Credo que reluz sôbre todos os tetos do universo como a bandeira de esperança de uma pátria onde todos serão um. É êsse Credo que ressoa nas vozes cristãs, mas que a Igreja compôs para ser o patrimônio de todos os homens que trazem em si a imagem do Deus Criador, e com os quais o filho de Deus se quis igualar ao assumir a natureza humana.

Paulo VI é o nôvo arauto do Credo, da Verdade que liberta.

A Assunção de Nossa Senhora

A Assunção foi, para a existência de Maria, o coroamento dos privilégios que Deus lhe fêz. Para a existência da Igreja, é a garantia de sua vocação de Espôsa do Cristo glorificado, pois Maria representa a criatura humana no têrmo de seu destino sôbrenatural.

Trata-se de uma verdade de fé. E não apenas desde o dia 1.º de novembro de 1950, quando Pio XII a proclamou "dogma". O Papa não fazia senão solenizar, com a nitidês de seu pronunciamento, uma doutrina que já era sabida pertencer

com segurança ao patrimônio da fé, pois ensinada desde muito pelos Bispos de todo o orbe. Quem conhecesse essa unanimidade do chamado "Magistério ordinário" não podia duvidar de que se tratava de algo equivalente aos demais artigos do Credo, pois Cristo prometeu ao esinamento dos Apóstolos e seus sucessores uma assistência divina (1). E mesmo quem desconhecesse a extensão dessa unanimidade e portanto não soubesse dizer expressamente que a Assunção tinha o sêlo das verdades de Deus, implicitamente a via indissociável do retrato de Maria tal como a fé lhe desenhava. Para êsse cristão a definição papal só faria projetar na luz dos conceitos uma certeza que êle instintivamente já possuia. Algo de semelhante haveria de ocorrer se um fiel, por exemplo, do século II, pudesse prever — digamos, por uma iluminação profética — a definição de Pio XII. Êle provàvelmente nunca teria ouvido uma palavra sôbre a Assunção (porque não consta que ela tenha sido sempre explicitamente conhecida e pregada na Igreja), mas na noção, que sua fé lhe ditava, do mistério de Maria — ainda que fôsse primitiva como um diamante bruto — estava pré-contida a exigência do nosso dogma.

Na verdade, o que é de fé na Assunção não é o complexo do fato histórico com suas circunstâncias de modo, tempo e lugar, mas apenas a substância do fato, isto é, a vida celeste que Maria passou a viver, na totalidade de seu sêr humano, em sua alma e em seu corpo, depois de concluída a etapa de sua missão na terra. Recorde-se o conteúdo da definição:

"Pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunto em corpo e alma à glória celestial" (2)

No fundo, a Assunção é mais do que um fato histórico, é um fato estritamente sobrenatural. Ela transcende a simples observação humana e só mesmo por revelação divina poderia ser conhecida. Quem haveria de testemunhar, com seus olhos mortais, o ingresso de Maria na glória celestial? O

---

(1) — Mt 28, 18-20; Jo 14,16s. 26; 15, 26;16,12ss; At 1,8; etc. A Constituição Apóstolica "Munificentissimus Deus", pela qual foi definido o dogma da Assunção, diz expressamente que já pelo consenso universal do Magistério se deduzia tratar-se de uma verdade divinamente revelada: AAS 42 (1950), 757.

(2) — Ib., 770.

máximo que se poderia atestar seria a partida de Nossa Senhora dos confins desta terra, não porém o seu ponto de chegada. Como, aliás, na Ascensão do Senhor. Os Apóstolos apenas o viram despedir-se e elevar-se até que uma nuvem o encobriu ao seu olhar. Que êle tinha sido exaltado, em sua natureza humana, até ao trono da majestade de Deus, até à comunhão da divina soberania sôbre tôdas as criaturas, conheceram-no pela revelação, ouvida do mesmo Jesus e confirmada pela vinda do Espírito Santo, que êle prometera.

Resta, porém, que na Ascensão de Cristo consta o fato de sua partida como objeto de uma experiência histórica. Já no caso da Assunção de Maria nada existe de que a Igreja tenha notícia para nos ensinar senão que se deu, "terminado o curso de sua vida terrestre". Silencia a documentação histórica sôbre as condições que a manifestaram. Nada nos galante a autenticidade das narrativas dos apócrifos, que descrevem a morte de Maria, cercada pela presença dos Apóstolos, o encontro do túmulo vasio três dias depois, o canto dos anjos... Tudo isso é belo e inspirou com razão a arte e a poesia de muitos séculos cristãos, mas não é certo. Não é nisso que se apoia o dogma, nem que reside o dogma.

Até mesmo do fato de se ter dado a *morte* de Maria, prèviamente a sua elevação ao céu, prescindem as palavras da definição. Nossa Senhora morreu para *em seguida* ser ressuscitar e ser glorificada? Não o sabemos com certeza, embora essa crença esteja muito difundida na tradição, tanto que a festa litúrgica antigamente se chamava da "Dormitio", isto é, do desenlace (3). Há teólogos, contudo, que opinam pela Assunção sem a morte, argumentando que a Virgem tinha o *direito* de não morrer, por ser isenta do pecado original (4). Ter-se-ia verificado nela a realização daquele desejo muito humano de que fala São Paulo, o de "não sermos espoliados de nossa vestimenta, mas revestir-nos da outra por cima,

(3) — Cf. 1 Tes 4,13;- Cor 15,20;7,39.

(4) — Assim, por ex., M. Jugie, em suas várias obras sôbre a Assunção. Mas não se pode deduzir do fato da Imaculada Conceição o direito da imortalidade, pois ela implicava a graça da santidade, não a dos dotes da justiça original, que não decorrem necessariamente da graça. Não por débito e pena do pecado (inexistente na Santíssima Virgem), mas por condição e deficiência de sua natureza **humana**, que é substancialmente passível, deve ser atribuida a mortalidade a Maria, na ausência de uma positiva revelação em contrário: cf. Merkelbach, "Mariologia," ed. esp., Bilbáo 1954, p. 360.

para que o que é mortal seja aborvido pela vida" (5)? Não será assim que, no final dos tempos, acontecerá com os justos? O mesmo Apóstolo o diz: "nós, os vivos, os que sobrevivermos, seremos arrebatados juntamente com êle (Cristo) às nuvens... e estaremos sempre com o Senhor" (6). Porém, se é certo que em Maria a morte não teria jamais o significado de penitência, como tem em nós, não deve ser excluida "a-priori", pois poderia exprimir sua configuração ao mistério da morte inocente e redentora do Senhor.

Agora, o que não se coaduna de modo algum com o contexto da definição dogmática e com a tradição, é a hipótese de uma Assunção precedida não sòmente pela morte da Virgem mas até pela corrupção de seu corpo. Como se êste pudesse ter estado sujeito à lei comum até que um dia — (quem sabe no século IV, quando, segundo os documentos, a atenção da Igreja parece acordar-se para focalizar a Assunção) — Deus o refizesse do pó da terra e o glorificasse (7). É uma hipótese gratuita e insustentável no quadro da fé católica.

* * *

Sendo verdade revelada, a doutrina da Assunção deve ter sido recebida dos Apóstolos. Porque com êles — que

---

(5) — 2 Cor 5,4.

(6) — 1 Tes 5,17;- Cor 15,51.

(7) — Em artigo publicado em "Dieu vivant" 18 (1951), E. Mascall, anglicano, defende essa possibilidade: "Il serait de plus possible, toujours sans opposer un démenti à la définition, d'affirmer que l'assomption ne s'est produite en fait que trois ou quatre cents ans après la mort de Notre-Dame; já ne sais si on a déjà proposé ceci comme pouvant être une explication du silence des premiers siècles à ce sujet, mais il est évident que personne ne pouvait croire à un événement avant qu'il ne fut arivé". **Mas então** como teria sido verdade **revelada**, isto é, conhecida desde os apóstolos?...
Admira-nos ver que também um autor como M. Schmaus, ("Katholische Dogmatik", Mariologie, (Muenchen 1955, § 7), admita a discutibilidade de uma questão como a da corrupção do corpo de Maria. Alegando a opinião de vários teólogos sôbre a Ressurreição final a partir de matéria que não tenha pertencido à existência histórica dos corpos, pergunta se não se poderia esboçar uma idêntica interpretação para a Assunção, já que não consta o fato do desaparecimento do corpo da Virgem, o fato de um 'sepulcro vasio' como na Ressureição de Cristo. Ora, contra essa suposição estão as palavras da Bula que atribuem a Maria, em virtude do privilégio da Imaculada Conceição, a isenção da lei de permanecer na corrupção do sepulcro, 'lege permanendi in sepulcri corruptione".

foram as testemunhas privilegiadas da missão visível do Verbo e do Espírito no mundo dos homens — se encerrou o depósito das verdades reveladas de nossa religião. A Igreja no decorrer dos séculos, não faz mais que explicá-las.

Ora, à primeira vista os escritos dos Apóstolos nada parecem dizer sôbre o fim de Nossa Senhora. A última vez que a mencionam expressamente está ela em oração com a primitiva Comunidade, na expectativa de Pentecostes (8). Será que a Igreja só conhece a sua Assunção através do ensinamento *oral* dos Apóstolos?

Assim julgaram alguns autores, para os quais a tradição oral foi o veículo exclusivo de várias verdades da fé. Para êles, é só em sentido "acomodado", não literal, que poderíamos enxergar a Assunção em passagens da Escritura. Como, porém, nada se encontra entre os documentos dos quatro primeiros séculos que ateste essa notícia transmitida oralmente, têem de limitar-se a apelar para a demonstração indireta: o que a Igreja de Cristo ensina por seu magistério infalível é oriundo da revelação divina; e se não consta na Escritura, por exclusão tem de ser atribuido ao ensino oral.

Hoje, como é do conhecimento de todos, está pendente a questão das "fontes da revelação" (9). Os teólogos discutem se se devam considerar *Escritura e tradição oral* como duas fontes juxtapostas, cada uma das quais objetivamente incompleta. Muitos são os que preferem vê-las como dois *modos* pelos quais a mesma Verdade foi entregue aos homens e que por natureza são inseparáveis: a *Escritura* contendo (explícita ou implicitamente) todo o depósito revelado, mas a *Tradição* (que continua viva na memória da Igreja) sendo o ambiente *espiritual* onde se apreende o seu sentido verdadeiro e profundo.

Não nos compete entrar aqui nesta questão, é claro, mas não podemos deixar de dizer que, por princípio, nos causaria estranheza e ausência, nos Livros sagrados, de um fato da importância da Assunção de Maria, Mãe de Deus e tipo da

---

(8) — At 1,14.

(9) — Pode-se ler um bom resumo da quarela no artigo de Frei Boaventura Kloppenburg, ofm, "Defensibilidade da suficiência material da S. Escritura", REB 23 (1963), 13-35. Para um panorama geral da bibliografia sôbre o assunto, consulte-se P. Rusch, "De non definienda illimitata insufficientia materiali Scripturae", Zeitschrift für katholische Theologie, 85 (1963), 1-15.

Igreja. Êles, afinal de contas, não podem ser considerados úm mero conjunto de obras ocasionais; sua dignidade de Palavra escrita do Espírito Santo parece requerer que ao menos as verdades de maior alcance estejam consignadas.

De qualquer modo, contra fatos não valem argumentos, e é um fato inegável que a Assunção, ao menos implicitamente, está na Biblia. O próprio Papa, na Bula da definição dogmática, depois de lembrar que ali sempre encontraram sua última base os argumentos dos Padres e Doutores, di-lo êle próprio: "quae veritas Sacris Literis innititur" (10).

A Bula não indica diretamente quais sejam os lugares biblicos; apenas recorda as referências dos vários Doutores.

De algumas delas, empregadas geralmente em contexto oratório ou espiritual, se dirá não significarem mais que piedosas acomodações. Ao menos seria difícil provar que visavam a Assunção em seu sentido *pleno*. Assim, por exemplo, o versículo 8 do Salmo 131:

"Levanta-te, Senhor, entra no teu repouso, tu e *a arca de tua santidade*";

ou o versículo 10 do Salmo 44:

"A rainha está à tua direita, com manto de ouro, engalanada com variedade";

ou ainda os textos do Cântico dos cânticos que a Liturgia freqüentemente aplica a Nossa Senhora:

"Quem é esta, que sobe do deserto, como uma leve coluna de fumo, composta de aromas de mirra e de incenso, e de tôda sorte de aromas?" (11)

"Quem é esta, que vai caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército formado em batalha?" (12)

"Quem é esta, que sobe do deserto, inebriada de delícias apoiada sôbre o seu amado?" (13)

Outras vêzes, porém, a Assunção *brota* do sentido literal dos textos, à maneira de uma conclusão, mas de uma conclusão cujas premissas a própria Bíblia colocou (14). Não

---

(10) — AAS, cit.,pg. 769.
(11) — Cant 3,6.
(12) — Cant 6,9.
(13) — Cant 8,5.
(14) — E isso coloca um abismo entre essa conclusão e uma conclusão teológica propriamente dita (que supõe o acréscimo de uma premissa da pura razão humana à premissa revelada e é, por isso, uma ilação que já não se pode dizer formalmente revelada).

se encontrará, na verdade, uma afirmação eqüivalente, sem mais, a esta: "Maria foi glorificada corporalmente". Mas se terá tôda uma série de textos tão estreitamente conexos que implica, para ser entendida, esta afirmação. *A imagem bíblica de Maria* sugere a sua Assunção corpórea como a conseqüência de seus outros privilégios.

Da maternidade divina, por exemplo, se considerada não apenas em abstrato, mas *concretamente,* tal como vem apresentada na Escritura, podemos dizer que decorre a Assunção. Concretamente, é uma maternidade virginal, preparada por uma plenitude de graça: cf. Lc 1,26-56. Como se tivesse constituido para o espírito de Maria um sacramento de santificação, e para o seu corpo um sacramento de incorrupção — em todo o sentido da palavra. Já da leitura profunda de um texto evangélico como êsse se vê que a Virgem é um sêr a parte, intocado pelo pecado, e incapaz assim "de ser retido pela morte" (15). Mais ainda, um sêr marcado para o serviço tão exclusivo do Salvador que cooperar com êle e comungar com seu destino parece tôda a sua razão. E o restante dos evangelhos confirma isso. Maria está presente aos grandes momentos da vida do Filho: à infância, à vida oculta, à vida pública dos milagres e da pregação, ao Calvário. Como escreveu Chardon:

"Ela não tem menos que uma afinidade, por assim dizer, natural com êle. Por que não haveria de contrair, como que naturalmente, a mesma proximidade com a sua glória? Se ela compadece por afinidade, por que, conforme a regra do Apóstolo, não triunfará por afinidade?" (16).

Dir-se-ia, com os Padres da Igreja (desde o século II) que nos evangelhos Nossa Senhora parece uma nova Eva ao lado do nôvo Adão. Ela está mais do lado dêle do que do nosso. Como observa Congar (17), ela está associada, na Economia divina, ao Princípio da graça e da salvação; ora, a Economia cristã se desenrola balisada por dois tempos, o do Cristo histórico e o da plenitude dos seus frutos, isto é, o do Alfa da Páscoa e o do Omega da Parusia. O que se reali-

---

(15) — At 2,24s onde inclusive, está citado o Sl 13,35: não permitirás que o teu Santo conheça a corrupção".

(16) — Chardon, "La Croix de Jésus', éd. Florand, 1937, p. 250, citado por C. Dillenschneider, "Marie dans la création rénovée", 1955, p. 316.

(17) — M. J. Congar, 'Autour du dogme de l'Assomption", em "Dieu vivant" 18,107-112.

zará na Parusia, para tôda a Igreja, se realizou já na pessoa do Cristo (Princípio de salvação) em sua Páscoa. Maria, portanto, tendo recebido dons que se situam do lado do Princípio e não apenas dos frutos da Redenção começados a atuar em Pentecostes, (pois nela começaram a atuar antes de Pentecostes, no seu Pentecostes pessoal, que foi o da Anunciação), Maria deverá receber os frutos últimos da salvação no nível do Princípio, isto é por direito, antes de todos nós.

Já aliás, no chamado "Protevangelho" do Gênesis — a profecia situada pela Bíblia nas origens da História (18) — deve-se dizer que se acha insinuado êste mesmo argumento. Realmente, Maria é ali a "Mulher" visada nos horizontes escatológicos e cujo Filho esmaga o poder de Satanás (19). Ela é prevista associada ao combate, e portanto, à vitória de Cristo sôbre a morte, última seqüela do pecado. Logo, também participou dêsse triunfo sôbre os vínculos da morte.

Mais direta e explícita que tôdas essas referências parece-nos, porém, a que encontramos no *Apocalipse* (20). E

---

(18) — Gen 3,15.

(19) — A interpretação mariológica do "Protoevangelho" é hoje em dia considerada **certa**, pois o texto vem citado nos documentos do Magistério que definiram os dois dogmas, da Imaculada Conceição e da Assunção, como lugar mariológico indubitável, e isso deve exprimir o "sensus Ecclesiae" sôbre a questão. Divergem, porém, os autores, ao precisá-lo como sentido mariológico apenas típico (Hummelauer, Lagrange), como sentido literal pleno (Ceuppens, Bea, Hetzenauer, Coppens), como sentido literal imediato (Vigouroux, Fillion, Rigaux, Bover).

(20) — Entre os autores recentes que vêm a Assunção mais ou menos explicita em Apoc 12 podemos citar M. Jugie ("La mort et l' assomption de la Sainte Vierge. Etude historico-doctrinale." Studi e Testi da Bibl. Vat., nº 114; e "Assomption de la Sainte Vierge", in "Maria", publ. sob a direção de M. Manoir, sj); F. M. Braun, op. ("La Femme vêtue de soleil', RT 1955, pp. 639-670: vê uma alusão à Assunção, embora não de todo explícita, em Apoc 12,6); R. Laurentin, ("Court traité de théologie mariale", Paris 1952, p. 34: a alusão de Apoc 12,6 seria talvez "la seule que nous laisse entrevoir le sens littéral de l'Ecriture"); Dominic J. Unger ("Did St. John see the Virgin Mary in glory?", in CBQ 12 (1950), pp. 411-415, em conclusão de um longo estudo em números anteriores da mesma revista); Roschini ("Mariologia", Roma 1948, t. II); P.C. Landucci, ("Maria SS. nel Vangelo", Roma 1950, pp. 487ss). Entre autores menos recentes poderíamos citar S. Tomás de Vilanova, Cornélio A Lapide, Buselli, Vaccari, Renaudin, Mattiussi, Lana etc. Pio XII, na oração composta depois da definição do dogma, diz: "Nós cremos que... vós reinais, vestida de sol e coroada de estrelas..."

não é para admirar. O Apocalipse é obra de S. João, que mais do que ninguém estaria em condições de deixar um testemunho da Assunção. Êle conviveu com a Mãe de Jesus até ao fim e na Bíblia talvez só os seus escritos datam de época posterior a êsse acontecimento (21). (Aliás, mesmo que só houvesse na Igreja a memória de uma tradição oral do fato, de que última fonte haveria de provir senão dêsse Apóstolo?)

O Apocalipse é, todavia, um livro misterioso, onde as revelações são propostas em imagens e símbolos de significado às vêzes obscuro. Daí também a diversidade a que dá lugar sua interpretação.

Ao capítulo 12, que é o que nos interessa, nem sempre foi dada uma exegese mariológica, embora esta se afirme cada vez mais. Vários Padres e autores interpretaram o "grande sinal" da Mulher gloriosa — a quem o dragão não pode atingir, e que dá à luz o Messias e o povo messiânico — como uma figura da Igreja. Em número anterior desta revista (22) tivemos ocasião de expor e comentar as principais sentenças a respeito, e concluímos por redizer — aliás, na companhia de vários Padres e exegetas—o que já no século 5.º São Quodvultdeus exprimia em formulação lapidar:

"Ninguém dentre vós ignora que o dragão é o demônio e a mulher representa a Virgem Maria, mãe imaculada de nosso imaculado Chefe, a qual nos mostra em si mesma a figura da santa Igreja".

Trata-se de Maria, pois, *enquanto tipo da Igreja* e, como veremos a seguir, não só da Igreja militante, "contra a qual não prevalecem as portas do inferno" (23),mas da Igreja gloriosa e escatológica, pela sua Assunção.

Um primeiro indício da Assunção vemos no versículo 1:

"E um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrêlas sôbre a sua cabeça".

Como não entender nêsse esplendor da *mãe do Messias* o sinal de sua glorificação definitiva? A veste de luz evoca o Salmo: "Deus se envolve de luz como de uma veste" (24);

---

(21) — Assim opina M. Jugie, que sitúa a Assunção no exílio da comunidade hierosolimitana em Pella, por ocasião da guerra judaica.
(22) —"Rainha vestida de sol", Revista Gregoriana n. 34, pp. 2-12.
(23) — Mt 16,18.
(24) — Sl 103,2.

e o que Cristo disse dos justos na Ressurreição final: "êles resplandecerão como o sol no reino de seu Pai" (25).

Sem dizer que se trata de uma referência totalmente explícita à Assunção, é, ao meno, como diz Jugie, "um gesto de ostensão" (26).

Outra alusão encontramos, depois, nos versículos 5-6 e 14-15:

"O seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono, e a mulher se refugiu no deserto, onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado, para aí a sustentarem durante mil duzentos e sessenta dias".

"E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho varão, mas foram dadas à mulher duas asas duma grande águia, a fim de voar para o deserto ao lugar do seu retiro, onde é sustentada por um tempo, e por tempos, e por metade dum tempo, fora da presença da serpente".

Aqui então temos que Maria, já durante todo o período da Igreja militante — simbolizado pela expressão "um tempo, tempos e metade dum tempo", eqüivalente à cifra de 1260 dias do primeiro relato (27) — está numa condição de completa intangibilidade face aos ataques do demônio. O lugar para onde ela foi conduzida é um lugar "preparado por Deus", isto é, o céu, como resulta da comparação com João 14,2: "vou preparar-vos um lugar" (28). As duas asas da grande águia fazem pensar na proteção especial de Deus mesmo, conforme Dt 32,11 : "Como a águia ensina seus filhos a voar, e esvoaça sôbre êles, assim o Senhor estendeu as suas asas e o tomou (Israel) e o levou sôbre os seus ombros".

Note-se igualmente o paralelismo que há entre o rapto do Menino messiânico até ao trono do Pai (alusão à Ascensão de Cristo) e o vôo da Mulher até o lugar preparado por Deus.

---

(25) — Mt 13,43.

(26) — "Assomption de la Sainte Vierge", in Manoir, "Maria" I, p. 629.

(27) — Cf. Le Frois, "The Woman clothed with the Sun", Roma 1954, p. 187. Já antes foi a interpretação de E. B. Allo, "L'Apocalypse", Paris 1933, p. 164.

(28) — Como diz Braun, ob. cit., p. 651, refugiar-se no deserto (que, na fase típica do Êxodo, simbolizou a proteção e intimidade divinas), no "lugar preparado por Deus", onde se é nutrido por Êle mesmo, é chegar-se ao fim último da bemaventurança, à felicidade propriamente escatológica.

Já, aliás, na Antiguidade, um dos primeiros indícios da crença na Assunção, encontrado embora em São Epifânio (que foi sempre muito hesitante em se pronunciar a respeito do fim de Nossa Senhora), faz menção dêsse trecho do Apocalipse:

"Maria talvez tenha sido isenta da morte, porque o que João nos diz no Apocalipse pode ter sido verificado nela: O dragão aproximou-se da mulher que tinha dado à luz o menino, mas lhe foram dadas as asas de uma grande águia, e ela foi levada para o deserto a fim de que o dragão não a alcançasse" (29).

Acrescentemos, finalmente, que alguns autores ainda mencionam, no Apocalipse, o texto de 11, 19:

"Então abriu-se no céu o templo de Deus, e apareceu a arca da aliança no seu templo".

Como diz Scheeben (30), a "arca da aliança" é aqui um símbolo e não pode significar senão a Virgem Mãe em sua morada santa, porque a humanidade de Cristo é representada pelo Cordeiro que se acha sôbre o trono de Deus, e portanto acima da arca; e a Igreja não aparece jamais como arca da aliança, e sim como a cidade ou casa de Deus. Convenhamos, porém, que o sentido é menos manifesto nêste texto, do que no da Mulher vestida de sol.

* * *

Êsses vários textos, que nos mostram o fundamento bíblico do dogma da Assunção, ajudam-nos igualmente a entrever alguns aspectos da glorificação da Virgem na pátria celeste. Ajudam-nos a vislumbrar o que seja o estado presente da pessoa de Maria.

Os textos que nos induziram a ler, no fato de sua maternidade divina, a necessidade da Assunção, como o último sinal de uma íntima associação aos mistérios de seu Filho, levam-nos a concluir que, na glória, sua posição continua a de "Mãe do Senhor" (31), "Mãe do Rei universal", como disse São Gregório Nazianzeno (32). Ainda lá ela pode dizer

(29) — Panarion 78,11, 3-4: MG 42,745.
(30) — "La mère virginale du Sauveur", trad., Paris 1953, p. 161.
(31) — Lc 1,43.
(32) — Poemata dogmatica, XVIII, v. 58. É uma citação que faz Pio XII na encíclica "Ad caeli Reginam", de 1954.

que é seu Filho aquele "cujo reino jamais terá fim" (33), e a mesma afinidade que a fizera, na terra, participar intensamente do cálice de sua Paixão lhe dá um íntimo consórcio com o seu triunfo de Senhor.

Os textos que nos mostravam a Assunção prenunciada na plenitude de graça e no caráter singular de sua santidade nos fazem supor quão magnífico seja seu próprio ornato de glória. Verdadeiramente "está à direita do Rei, com manto de ouro, engalanada com variedade" e sua beleza ultrapassa a dos querubins e serafins, como já dizia Sto. Efrém (34).

A "Mulher vestida de sol" no-la mostra com todos os traços da Igreja triunfante, como a Imagem da Jerusalém celeste, iluminada pela claridade de Deus e a descer do céu qual espôsa ataviada para o seu espôso.

A Mulher no seu retiro, alimentada pelo Deus que a conduziu debaixo de Suas grandes asas, é Maria no lugar que Cristo lhe preparou por sua própria Ascensão, onde a nutre com um maná escondido, no qual reside tôda delícia e a suavidade de todo o sabor (35). Dá-nos uma idéia da bemaventurança especial de Maria, que lhe vem de sua chegada ao termo último de seu sublime destino, e de sua intimidade com Deus. Sugere-nos ainda sua misteriosa conexão com a vida de Igreja peregrina e militante, pois ela está, no seu triunfo, solidária aos "1260 dias" das nossas lutas, como o Cristo glorioso, que é ainda perseguido nos seus membros terrenos (36).

Como arca da aliança no santuário celeste ela é, em imitação da própria humanidade do Cristo ressuscitado, um memorial e penhor, sempre presente, do pacto nôvo e eterno que Deus celebrou com os homens.

Mais uma vez a sua presença de proximidade ao Senhor exprime a comunhão com os Seus mistérios e é a permanência de uma intercessão universal em prol do gênero humano resgatado pelo sangue do Cordeiro.

Em síntese, desde sua Assunção Maria *"reina com Cristo para todo sempre"*, como diz a Liturgia. Reina porque ocupa o lugar mais alto depois d'Aquele que é o Cabeça do Corpo Místico. E porque participa do seu govêrno e do seu poder, no céu e na terra.

---

(33) — Lc 1,35.
(34) — Ed. Lamy II, 578.
(35) — Cf. Apoc 2,15 e Sab 16,20.
(36) — At. 9,4; 22,7; 26,14.

MODALIDADE

Não existe talvez têrmo mais vago do que maneira, modo. A maioria dos solfejos modernos diz: "maneira de ser da escala octocordal, determinada pelo lugar dos tons e semitons". Esta definição, aplicada aos nossos modos clássicos, é, aliás, contestada. Quiseram que fôsse a dos modos gregos ou tidos como tais. Entretanto, se os teóricos gregos reconheciam que a oitava tem sete aspectos, encaram-nos apenas como forma da consonância, exatamente como a quarta tem três formas e a quinta quatro, tudo visto sob um só prisma. A palavra modo não tem equivalente exato em grego: a *harmonia* é apenas uma combinação, um conjunto e aplica-se a um caráter étnico e estético; em todo caso a forma da consonância não é um modo. Os textos são singularmente explorados para se chegar a tal confusão.

Os autores da idade média, pelo menos a partir da *Alia musica* (compilação que data provàvelmente de meado do século X) tiraram de Boecio a ordem e a terminologia dos *tons* gregos (*tons*, mais ou menos no sentido moderno) e aplicaram-nos aos *modos* gregorianos, que ficaram assim definidos por uma oitava *sui generis* e uma terminologia pelo avesso. Daí uma confusão que não está completamente desfeita.

O quadro simétrico dos oito tipos modais, que encontramos ainda em certos manuais, não resiste à mais superficial observação (ver por exemplo a oitava de *si* atribuída ao deuterus plagal!). Os teóricos medievais, êles pelo menos, depois de terem estudado o assunto, ocuparam-se do repertório com mais inteligência.

Como, então, determinar um tipo modal? Pela final? Sim, certamente, embora o autêntico e o plagal tenham a mesma final. E depois, não encontramos no *Antifonal monástico* sextos modos escritos em *dó*, e cuja cadência final é um tetrardus pelo emprêgo do bemol diante da tônica

de cadência? e também sétimos modos, final *dó*, com bequadro no agudo, e ausência de bemol na final?

Para os primeiros teóricos — Aureliano de Réomé que escreve pelo ano de 850, Reginon, falecido em 915, a *Commemoratio brevis, a Musica Euchiriadis* — a questão não era pròpriamente de oitava modal. Pela escolha do tom salmódico, Aureliano indica-nos o modo da antífona (êle diz *tom;* os outros também, por confusão muito natural). Ora, para êle, é o *incipit* da antifona que determina esta escolha; portanto, as fórmulas iniciais têm a maior importância, e nem sempre uma estreita relação com o grau final. Por outro lado, como êle não conhece notação precisa, encara apenas os intervalos. E diz, por exemplo, que a antífona *Pulchra es et decora* é do terceiro "tom"; de nossa parte lemos *fá* como nota inicial, e é isto que nos engana. É possível também que sua versão não seja igual à nossa, mas aquilo que afirma do *incipit* é absolutamente exato. Leia-se pois com *sol* no início e reconhecer-se-á sem esfôrço uma fórmula de entoação própria do terceiro modo, perfeitamente determinada (sem o auxílio do *mi*).

Aureliano não cita o tipo *Ecce nomen Domini* (equívoco protus-deuterus, antífona *Quando natus es*). Detenho-me aqui um instante para observar que se o texto é demasiadamente curto, resta apenas o fim da fórmula, donde as numerosas antífonas que começam por *Domine; Hodie* (Christus natus est.), etc. Um leitor desprevenido dirá que fá-sol-lá-lá determina um tritus. Não. Não há dúvida alguma: estamos em protus. O modo é pois, de certa maneira, uma questão de fórmula, de fato, e não de raciocínio.

Réginon não hesita em escrever que a escolha do tom salmódico deve ser feita, não segundo a cadência final, mas de acôrdo com o *incipit* da antífona, e não fica satisfeito quando o fim não corresponde ao comêço. Observa que o intróito *Deus in adiutorium* começa em oitavo "tom" e termina em sétimo, e dá muitos outros exemplos que o irritam A comunhão *Simile est* é, diz êle, do sexto tom (1), como nas entoações típicas: *Christus* (*factus est.*) *Réquiem,* etc.; não sabemos, aliás, de que maneira êle canta a seqüela da comunhão.

Em uma palavra, mesmo que os *incipit* não indiquem todos os desenvolvimentos, continuam a ser um dos ele-

(1) Para nós é um oitavo.

mentos mais importantes no estudo da composição modal: no último exame do Instituto Gregoriano, meus alunos (terceiro ano) tiveram de tratar da determinação do tipo modal pelos *incipit*. Para isto alguns fizeram um estudo quasi completo do repertório e em trinta páginas responderam, de maneira notável, à pergunta feita.

Resta evidentemente tudo que se encontra entre o início e o fim. Fala-se muito, e um pouco demais, de uma espécie de síntese entre as thesis verbais (traduza-se: as finais de palavras ou grupos de palavras intimamente ligadas pelo sentido e os graus modais. Para isto faz-se um quadro, para cada modo, dos valores modais atribuídos a cada grau: mas, em matéria de thesis, é preciso encarar as cadências, mesmo mínimas (e que não merecem o nome de cadência) próprias dos grupamentos melódicos, porque se entre rítmo verbal e rítmo melódico a relação é estreita, entre texto e modalidade é muito menos. Além disto, as cordas recitativas têm função muito importante.

Mas não se diga: a cadência do inciso se faz em um grau modal. Eu inverto a frase e digo: o valor dêste grau é-nos revelado pela cadência. Isto não é uma subtileza de estilo; é uma questão de "fato" e não de princípio ou de definição. Não se deve considerar à priori tôdas as possibilidades modais de um tipo determinado, porque então todos os graus teriam que ser considerados um após o outro; e, além disto, se o valor modal se impõe, não ficará específico, pois que por exemplo, a terça menor *lá-dó*, freqüente no primeiro modo, também o é no quinto (como o grau *lá* no quarto), e também, ainda que menos freqüente, no terceiro, no sétimo, no oitavo.

Cada caso será pois estudado à parte, e desta análise deduziremos a importância de tal grau *hic et nunc*, em vez de aplicar na peça uma forma de princípio modal. O intróito *Exsurge* dá muito pouca importância à quinta da tônica (*lá*), e em compensação muita à terça *fá*, por uma corda recitativa e uma franca cadência tirada do tritus, precedida de uma curva comum ao tritus plagal. O intróito *Rorate*, pelo contrário, insiste na terça menor *dó-lá*, mas é para tomar emprestado (*a desuper*) a cadência de mediante dos versículos salmódicos em quinto modo, enquanto a tônica dêste modo só aparecerá mais adiante, em *justum*. A mesma terça, comum ao tritus e ao protus, permitirá a volta ao modo inicial. Li, não me lembro onde, que o *sol* no primeiro

modo não é um grau particularmente modal. Dizer isto, é esquecer que êle é o primeiro tenor dos tons salmódicos dos responsos, e a base de uma terça menor *sol-si bemol,* cujo, desenho se observa fàcilmente em *longíquo* na antífona *Ecce nomen* (versão monástica), as comunhões *Ecce Virgo, Psallite Domino,* a antífona *O Rex gloriae,* em *ascendisti, etc.*

Contudo, tôdas estas fórmulas, estas cordas recitativas estas cadências, não nos permitem dizer que há mudança de tipo modal: é o desenvolvimento natural, por curvas apropriadas, de tal ou tal grau da escala. Há, sem dúvida empréstimos bastante caracterisados feitos a um modo visinho; mas as cadências em *lá* no protus não são uma modulação em *lá-protus;* é a extensão natural da dominante, da mesma forma que no segundo modo em *lá,* ou no sétimo modo, a têrça aguda *ré fá* não pertence ao protus. Em verdade o modo, bem definido pelas formulas do *incipit* — *postas* de lado algumas composições irregulares em que a unidade dificilmente se estabelece — dá côr a todo o conjunto; num caso como o do intróito *Exsurge,* a cadência em tritus não tem o mesmo realce que num tritus propriamente dito. A síntese entre o princípio e a cadência final (pelo menos de um modo geral) impõe-se ao nosso sentimento musical.

Podemos definir o rítmo na sua *essência,* e depois estudar-lhe a aplicação na música (é a *existência*). Para o modo, não existe definição. Êle é uma questão de composição. Devemos tomar os fatos tais como se apresentam, e não os explicar por meio de princípios pré-estabelecidos. Em suma, que me perdõem a expressão, é o existencialismo.

(*Tradução de J. M. da revista Le Lutrin,* 1962.4).

"Keur Moussa"

"Keur Moussa" — que significa "Casa de Moisés" — é o nome de uma aldeia muçulmana do Senegal, a 50 quilometros de Dakar.

Perto dêste povoado, que pouca influência sofreu da civilização moderna só a cabana do chefe é de material mais resistente), constróe-se neste momento um pequeno mosteiro, última fundação de Solesmes. Nove monges da grande Abadia vão se reunir em breve nesta terra longínqua, a fim de estabelecer a vida monástica. Aí será encontrado, assim o esperamos, o essencial da vida beneditina; homens que buscam únicamente Deus e cantam seu louvor durante a santa liturgia. Pouco a pouco esta pequena comunidade crescerá, sob a proteção do Coração Imaculado de Maria, padroeira do Mosteiro, europeus e senegalêses logo formarão uma só família, dando testemunho da Igreja ela mesma, una e universal.

Foi no mês de dezembro de 1959 que Monsenhor Lefebvre, então Arcebispo de Dakar, pediu oficialmente ao reverendíssimo Dom Jean Prou, Abade de Solesmes, para enviar ao Senegal monges do seu mostreiro. Êste desejo correspondia plenamente aos planos da Santa Sé, e Solesmes ficou feliz em poder colaborar no grande esfôrço que faz a Igreja há vários anos na África. Apesar do aumento de preocupação, de trabalhos e de dificuldades que êstes projetos acarretavam, Dom Abade não hesitou em consentir. E desde então realmente, quantos entendimentos, quantos esfôrços e realizações magníficas se efetuaram!

As fotografias do local escolhido pelo Rev. Padre Abade por ocasião da primeira viagem ao Senegal, mostram uma extensa planície, monótona, vazia e árida. Hoje vê-se aí um lindo quadrilátero, resplandecente de luz sob os raios do sol africano; é o mosteiro, construído para uns vinte monges, e que será mais tarde, quando a casa estiver em pleno desenvolvimento, a futura hospedaria. No momento presente existe um pátio, uma pequena igreja, refeitório, sala do capítulo, celas; um mosteiro completo!

Mas sua arquitetura, as proporções, a côr, tudo é diferente da grande Abadia do Sarthe, que teria, assim, uma estranha aparência, no meio desta planície arenosa... Enquanto Solesmes está construída sôbre a rocha, Keur Moussa pousa graciosamente na areia, que tem uma profundidade de vinte e quatro metros. Na falta de pedras, mais ou menos inexistentes na região, as paredes são de argamassas, elevando-se a uma altura de sete a oito metros. Em lugar dos grandes telhados de ardósia, terraços ligeiramente inclinados para escoamento das águas na estação chuvosa.

Pois aqui ainda as diferenças se revelam entre o clima do Sarthe e o do Senegal. Como em tôdas as regiões da África, o ano está dividido entre uma estação sêca, em que nunca chove, e uma estação úmida — junho a novembro — durante a qual o ar fica supersaturado de umidade e a terra se cobre de vegetação. As chuvas, esperadas durante dias e às vêzes semanas, caem pesadamente em tempestades. É o que torna esta época de amanho da terra bastante penosa. Mas a água é bemfazeja. Depois de penetrar a areia permeável, ela se acumula ao encontrar a argila, e forma então vastas reservas em profundidades variadas.

São êstes lençóis de água subterrâneos que os fundadores de Keur Moussa procuraram cuidadosamente. Uma perfuração feita no lugar onde haviam colocado uma medalha de São Bento, como no tempo de nosso Bem-aventurado Pai, já traz à superfície a água pura e fresca que os negros da aldeia vizinha vêm buscar. E é também esta água que, por sua vez, vai transformar o areial como já acontece a certa distância do mosteiro, na propriedade do Grande Seminário de Sébikotane. Ao ver as fotografias coloridas dêste belo parque sombreado e florido, pensamos sonhar. Assim será Keur Moussa, quando os monges tiverem desbravado, plantado, irrigado... e o Senhor proporcionado o engrandecimento.

Perguntam-nos, às vêzes, o que faremos em Keur Moussa, neste país de missão, onde os padres são ainda tão poucos, e os católicos representam apenas 5% da população?...

A esta pergunta o Reverendíssimo Dom Abade já respondeu, no discurso dirigido aos "Amigos de Solesmes", quando lhes comunicou seu projeto. A primeira tarefa dos monges será auxiliar espiritualmente os missionários. "Podemos fazê-lo de longe, dizia êle então. Sim, certamente.

Mas quem não percebe quanto a presença tangível aumenta a realidade dêste auxílio e sua eficácia?...

Deus quer encontrar santidade entre aquêles que Êle quer salvar: Se Sodoma e Gomora tivessem abrigado, um pequeno número que fôsse de justos, teriam sido poupadas, e talvez, santificadas. Esta "política" divina consiste em expulsar do seu domínio o Espírito do mal e, nessas imensas regiões onde a Revelação divina ainda não se fêz ouvir, em fazer um trabalho de purificação. A vida monástica deverá produzir normalmente êste resultado, principalmente porque, para começar, ela supõe o sacrifício daqueles que deixarão seu país, o meio natural, o mosteiro de profissão e tantas pessoas e coisas amadas, para levá-la a uma terra nova".

É pois neste plano sobrenatural que devemos nos colocar, para compreender a obra já empreendida, e aquela que deverá subsistir. Deixando para outros as pregações, os monges irão diretamente ao coração do apostolado, pela união intensa Àquele que é a fonte de tôda atividade sobrenatural.

E, por sua vida de louvor, pela união fraterna, na obediência àquele que ocupa junto dêles o lugar do Cristo, não serão êles uma imagem viva da Igreja, "Sociedade de louvor divino", Corpo Místico do Cristo, cuja unidade na obediência é um dos "sinais" que permite reconhecê-la como verdadeira? Os negros ficarão certamente admirados com esta visão da Casa de Deus, dedicada ao Coração Imaculado de Maria. "Quem é esta que se eleva do deserto, como uma coluna de fumaça, exalando mirra e incenso? Quem é esta que se aproxima como a aurora?" A esta pergunta, que se farão por si mesmos, a liturgia lhes responderá que é aqui a Porta do Céu, a Arca da Aliança, e a Casa de Deus.

Um monge de Keur Moussa

Crônicas Radiofônicas

A RENOVAÇÃO DE PÁSCOA E A NOVA CONDIÇÃO HUMANA

O resgate realizado pelo Cristo instaura no mundo, desde o dia de Páscoa, no mundo inteiro, até os confins da terra, a aurora da grande família dos *filhos de Deus*. O homem nunca havia sido "filho de Deus". Fôra criatura feliz, fôra amigo, interlocutor e confidente de Deus, no Paraiso terrestre, no estado elevado, sobrenaturalmente elevado em que se achava, estado de inocência, de justiça original. Isto já era imenso, muito acima do que o homem poderia exigir e vislumbrar para si, mas não era ainda ser filho. Depois disso o homem fêz-se escravo de sua própria condição de criatura, ao distanciar-se voluntàriamente do Criador e amigo. Diz a Bíblia que o homem foi criado "à imagem e semelhança de Deus". À imagem enquanto possui um espírito, uma alma imortal; à semelhança, enquanto recebeu uma graça divina de santidade original. O pecado destruiu a semelhança, a graça, não a imagem, a alma espiritual, pois aquela era dom gratuito, esta: exigência da natureza humana.

FILHO, Deus o tinha um, o unigênito do Pai, Aquele que é *um* com o Pai, que é gerado eternamente pelo Pai, logo diverso do Pai que gera, Aquele que é a Palavra eterna da Inteligência infinita de Deus. É o Verbo que estava junto a Deus, que era Deus, desde sempre, desde antes da criação do mundo que o Pai criou com Êle, pois sem Êle nada foi feito. É êste Verbo, é êste Filho que um dia assume a natureza humana e vem habitar entre nós: "Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis". (Io.1,14) "O mundo foi feito por êle e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu e os seus não o conheceram, mas a todos aqueles que o receberam — e são os que crêem em seu nome — deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Êstes, agora, são verdadeiramente filhos de Deus, por causa do Filho, êstes que são filhos por

adoção e irmãos do que é Filho por natureza, o Cristo. Êstes não nasceram assim para essa nova filiação por qualquer fôrça humana, mas nasceram de Deus, renascem, de fato, do lado aberto do coração do Filho que se fêz carne, que habitou entre nós e do qual diz ainda S. João: "E nós contemplamos sua glória, glória própria do Filho unigênito do Pai. "(Io.1,14). De forma que, o resgate realizado pelo Cristo, abre um nôvo estado para a humanidade, o estado de filiação divina, estado de verdadeiros filhos de Deus. É esta a grande nova que o apóstolo S. João vem nos contar no seu prólogo que se abre com aquele: "no princípio era o Verbo", paralelamente ao livro do Genesis: "No princípio, criou Deus o céu e a terra". Aqui, vai narrar-se a criação de um ser humano elevado à amizade com Deus e que depois decai dessa condição pela falta; ali se contará a descida do próprio Filho de Deus à terra para elevar a condição de filhos de Deus os que nÊle crerem. O mesmo S. João, em sua primeira Epístola escrevera logo no princípio: "Nós vimos a Vida eterna que estava junto do Pai e que a nós se manifestou. Dela damos testemunho e vo-la anunciamos.....para que também vós tenhais comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Io.1,2-4). No capítulo 3.º, seu pensamento é completado: "Vêde que grande amor nos testemunhou o Pai: somos chamados filhos de Deus; e realmente o somos....desde agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que seremos. Sabemos, porém, que quando isto se manifestar, seremos *semelhantes* a Êle, porque o veremos como Êle é" (1 Io.3,1). O mesmo diz S. Paulo: "...veremos face a face", "conhecerei da mesma maneira como sou conhecido" (1Cor.13,12). Essa realidade nova é insuspeitada pelo homem, essa realidade que supera tôda a aspiração humana torna-se a fonte de todo o nosso agir humano, de tôda a moral, pois S. João diz imediatamente em seguida: "E quem deposita em Cristo esta esperança, torna-se puro, assim como Êle é puro (1 Io.3 3), santifica-se assim como Êle é santo, faz-se um com Êle. "Aquele que nasceu de Deus não peca, porque nêle permanece o *germe divino*". "O Cristo veio para extinguir o pecado, nÊle não há pecado; e todo aquele que peca não o viu nem o conheceu" (1 Io.3,9.5).

Nestes textos, encontramos sucintamente a mensagem cristã sôbre a *vida humana,* elevada ao regime da *filiação,* que S. Paulo atribui à *plenitude dos tempos*: "Quando che-

gou a plenitude dos tempos — pondo fim ao regime de incapacidade em que estávamos, sob a lei, como sob um tutor e curador — Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a sujeição da lei, para resgatar os que estavam sob o jugo da lei. a fim de que fôssemos adotados como filhos. A prova que sois filhos é que Deus enviou a nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama — e no qual clamamos — Abba, isto é Pai." (Abba é a palavra aramaica com a qual o Cristo se dirigia ao Pai, como tantas vêzes aparece no Evangelho de S. João. Sendo a palavra usada pelo Cristo, S. Paulo de propósito a transfere para nós, irmãos no mesmo Pai). "Assim, não és mais escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, pela Graça de Deus" (cf. Gal. 4,1-7). Como vemos, tôda a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo está empenhada nêsse trabalho grandioso de nossa entrada na terra nova, no Reino dos céus que é a herança do Pai para o Filho e para os filhos que nÊle renasceram.

S. Paulo, dentro dessa vibrante mensagem pascal, convida aqueles a quem escreve suas cartas, no caso os cristãos de Colosses a que dêem graças ao Pai, que nos tornou capazes de participar da *herança* dos *santos* na luz, que nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o reino do Filho de seu amor, no qual temos a redenção e a remissão dos pecados. É Êle a imagem do Deus invisível e primogênito de tôda a criação, (cf. Col. 1.11-15) porque enquanto Deus, é coeterno com o Pai. S. Paulo é, na verdade, inesgotável ao exprimir êste mistério de filiação, conseqüência do resgate, via nova, cântico nôvo de uma misericórdia infinita. Assim, diz aos Efésios (1,5): "Deus nos predestinou em seu amor a sermos filhos adotivos por Jesus Cristo".

Voltando ao aspecto da ação santificadora que é realizada pelo Espírito Santo, ação que corresponde ao ser dessa nova criatura de filho, diz São Paulo aos Romanos: "É o Espírito Santo mesmo que dá testemunho ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros do Cristo, isso contudo, se sofrermos com Êle, para sermos glorificados com Êle" (Rom. 8,17) e é aqui que vem uma daquelas palavras de S. Paulo que certamente abriu amplamente as portas do céu para uma multidão de santos, no momento decisivo de optar pelo martírio, de optar pelo sacrifício, pelo mais duro, pelo mais difícil, pela morte, pela honra, pelo Cristo, pela Igreja, pelo invisível em lugar do visível. Diz êle: "Considero

que os sofrimentos dêste tempo presente não têm proporção com a glória futura que nos será revelada. A criação espera ansiosamente esta revelação dos filhos de Deus, "isto é, "daqueles a quem Deus predestinou deverem ser conformes à imagem de seu Filho, a fim de que êste seu Filho seja o primogênito de um imenso número de irmãos." (Cf. Rom. 8,18.19.29).

Esta conformidade com o Filho é a longa e difícil obra de santificação que deve ser realizada pelo Espírito Santo que é enviado em Pentecostes para atualizar em nós, no íntimo de nosso ser a conquista salvadora de Páscoa. Nêsse sentido, pergunta S. Paulo aos Coríntios: "Não sabeis que sois um templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá; pois o templo de Deus é sagrado, é santo, e êste templo santo sois vós" (cf. 1 Cor. 3,16-17). Outros textos são ainda esclarecedores e completam a idéia cristã dessa união de Deus com o íntimo da criatura: "Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Deus e que não pertenceis mais a vós mesmos? pois fostes resgatados por um preço imenso" (1 Cor. 6,19). "Não viveis na carne mas no Espírito, se o Espírito habita em vós" (Rom. 8,9), o mesmo Espírito que habitando em nós ressuscitará nossos corpos mortais (ibidem). Por fim, é Jesus mesmo quem diz: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, viremos até êle e nêle faremos nossa morada" (Io. 14,23). É êste o grande texto que nos fala dêsse imenso mistério da habitação de tôda a Trindade na alma do justo. Dessa maneira, nessa linguagem tôda baseada no amor, que evidentemente supõe a fé, o evangelista S. João exprime, pelas palavras do Cristo, a grande realidade do estado de natureza resgatada pelo sangue Redentor do próprio Filho de Deus, dêsse Deus de misericórdia que "para remir o servo entrega o Filho".

*

* *

Ponderando com atenção e seriedade a imensa realidade expressa por uma tal quantidade de textos sagrados, além de muitos outros, poderíamos perguntar de uma maneira bem humana, se não teria valido a pena a catástrofe desencadeiada pelo primeiro par da humanidade, já que deu lugar a uma tão ampla redenção para tôda essa mesma humanidade?

Os teólogos respondem: a Liberdade divina só permite a abundância de destruições porque é capaz de daí tirar uma superabundância de ser, de bondade e de beleza. Em plena Vigília Pascal, o canto do "Exultet" proclama em pleno vôo de entusiasmo: "O inaestimabilis dilectio caritatis", Ó inestimável excesso de teu Amor! para remir o escravo, entregaste o próprio Filho. Ó verdadeiramente necessário pecado de Adão que com a morte do Cristo foi apagado. Ó pecado feliz — Ó feliz culpa! — que mereceu tal e tão grande Redentor!" Assim, ouvem-se os que, sem hesitação, proclamam ser muito mais santo o estado instaurado pelo segundo Adão que seria o do primeiro, caso permanecesse em sua santidade, pois o segundo, em sua humildade, reergueu a raça decaída pela novidade da vida do Espírito, isto é: Filiação. Assim, o sangue da Redenção vale cem vêzes mais que as neves da inocência, supondo que Adão e seus descendentes houvessem sempre perseverado nela, o que seria algo de problemático e ameaçador, dada a liberdade humana de amar e de não amar, dado quêle "appel au néant" — apêlo para o nada — sempre subjacente a uma criatura que saiu do nada, dada ainda a presença do mal na criação, que aí entrou pela queda dos anjos, mal que sempre rondará a criatura humana, espiritual e livre, enquanto esta não estiver face a face diante de Deus, confortada por uma graça especial que se chama a "luz da Glória".

O que há, portanto, na raiz do primeiro pecado, como na raiz de cada tentação que cada ser humano sofre em todos os minutos de sua existência, o que há aí não é a fria prova a experiência distante feita por Deus, imposta pelo Criador à sua criatura. Deus não construiu um brinquedo automático, um "robot" que funciona quando e como Êle quer, e que é deixado de lado quando não funciona. A criatura dotada de liberdade, dotada da capacidade de amar, enquanto não tiver diante e si a infinita e envolvente grandeza de Deus, estará necessàriamente e inevitàvelmente, como uma exigência da grandeza de sua condição, diante de uma prova de amor e de liberdade. Deus convidou sua criatura a essa prova, como exigência da dignidade da condição humana elevada, como condição para um crescimento maior de conhecimento e de amor. A graça precisa crescer, precisa ser exercida e vivida na ação, em sua função de elevar a natureza, não de a anular; a graça é tôda ela de Deus, mas cresce através de uma ação e de um exercer-se que é também, todo êle, do ho-

mem. O homem foi convidado a desabrochar para um amor mais alto, mais de Deus e mais seu. Se a negativa, se a falta foi uma catástrofe, não foi um ato de um ser irracional, de um "robot", de um autômato, foi um ato de homem consciente e livre, a quem foi dada a oportunidade de agir como homem. A misericórdia de Deus tirou do grande mal um bem infinito. Todos os sêres humanos, muitos já agora, outros, um dia, mesmo cercados pelos maiores opróbrios, desgraças e perseguições, ainda assim juntam as mãos para agradecer a Deus de ter feito o sêr humano livre, capaz de pecar, sim mas capaz de um amor que Deus aproveita para elevar e tornar a substância de uma plenitude eterna, de uma felicidade que olhos não viram, nem siquer é vislumbrada pelo coração do homem.

Eis um pouco do que nos ensina a alegria de Páscoa com seus aleluias.

(Transmissão de 11 de maio de 1963)

O RISCO QUE A DEMOCRACIA NÃO DEVE CORRER

Raramente nos ocupamos neste programa com a continuação de assuntos já tratados em programa anterior. Há porém certas coincidências que quase obrigam a uma retomada de um assunto. É coisa relativamente rara que alguém se ocupe da maneira de agir de Deus quanto ao pecado do primeiro homem. Não é certamente um assunto freqüente nas manchetes de jornais, nos artigos de fundo, ou mesmo nos suplementos literários; da mesma forma não consta tal assunto dos temas preferidos por crônicas radiofônicas. Contudo, no sábado passado, ao fim de nossa crônica resolvemos tocar nêsse assunto precisamente para mostrar a grandeza de um Deus que, mesmo quando vê transformado em mal, em um imenso desastre, um dom que fôra dado para o bem, para o engrandecimento, para o amor, tem a capacidade única de tirar um bem maior, uma grandeza maior da catástrofe, sob todos os pontos de vista, arrazadora.

Ora, acontece que, na mesma semana, um matutino transcreve alguns conceitos que teriam sido proferidos em sessão extraordinária, numa universidade católica do país onde se colocava como ponto de referência para justificar determinada posição teórica de ordem política uma comparação com o modo de proceder de Deus relativamente ao primeiro homem diante de seu primeiro drama: amar ou não

amar. de escolher a Deus ou a si mesmo, de amar-se em Deus ou contra Deus. Se a notícia não traduz o pensamento do conferencista, teria sido proferido o seguinte no recinto universitário: "da mesma maneira que Deus se arriscou ao dar ao homem a liberdade de se voltar contra Êle próprio, também a democracia deve arriscar-se, deixando que alguns possam usar as franquias democráticas, ainda que para destruí-la". Pelo simples enunciado já se pode perceber como a maneira de colocar um problema pode falsear a solução, ou dificultar o estabelecimento de idéias claras e justas.

No caso a enormidade é tão patente que, mesmo mal apresentada a sentença, já salta aos olhos seu absurdo. Deus não se arriscou ao dar a liberdade ao homem, como se a liberdade fôsse alguma coisa a mais que Deus poderia dar ou deixar de dar ao homem, como se um pai comprasse uma arma e desse ao garôto para brincar. O primarismo é sempre abominável, especialmente com as coisas mais altas. A magnanimidade de Deus fêz sim com que Êle resolvesse criar um sêr racional, um sêr espiritual, à sua própria imagem divina, esta a grande "loucura" divina, uma loucura de amor que se manifestou na criação, como mais ainda se manifestaria na redenção. Criado êsse sêr racional, êsse sêr que conhece e ama com as potências do espírito, não está mais em questão a liberdade, ela é propriedade dêsse sêr, nem há nisso risco algum que possa ameaçar a Deus. O nôvo ser creado tem algo de positivo para escolher e para amar, com um amor todo seu. Pelo fato de ser racional é livre de amar e foi essa a faculdade que Deus lhe deu e que não poderia deixar de dar já que o quis racional. O homem como criatura espiritual é capaz de amar livremente mas é capaz de negar-se, de subtrair-se, de trair êsse impulso divino, é capaz de esvasiar a moção divina, de aniquilá-la, de fazer o nada, de não amar. Isso não é um risco que Deus queria correr como se pudesse não querer corrê-lo, já que quis a criatura livre e capaz de descer em graça e amor.

Por outro lado, o risco não é de Deus. Deus não se arrisca e não é atingido pela negação do homem, é impassivel em sua perfeição. É o próprio homem que paga duramente o preço do mau uso de seus dons. De modo algum se trata pois de um risco assumido, enquanto risco. Ora, no caso da democracia a questão é tôda outra. Ela não é Deus, ela é atingível, é vulnerável, e se entregar as armas ao inimigo, pode ser ferida, pode ser destruída. Ela é uma concepção hu-

mana de govêrno que se propõe defender o bem comum dos cidadãos e especialmente zelar pela conservação e vitalidade do mais precioso e do mais delicado dêsses bens que é a liberdade. Seria pois uma irresponsabilidade e uma traição, para falar mais claro, uma estupidês, dar aos destruidores as mesmas armas dos que estão construindo, quando na conjuntura atual não paira a menor dúvida que o intento único é destruir as liberdades democráticas, é escravizar, é tiranizar. Para ainda insistir no paralelo inicial: o que Deus fêz e criou foi um bem, que acidentalmente, isto é, não necessàriamente, a criatura por própria vontade usou mal, corrompeu. Não foi para isso que Deus criou a razão, a liberdade. Foi para o amor. E bem o fêz, pois o amor que existe no mundo, que vem de Deus e volta a Deus, trazendo o calor do pulsar de um coração humano, compensa de muito tudo o que as fraquezas humanas possam subtrair ao impulso divino, transformando em mal o que foi dado para ser bom. Bem ao contrário, as franquias que a democracia concedesse aos seus inimigos que absolutamente não são dignos delas enquanto destruidores, se bem que enquanto cidadãos gozem de tôdas as liberdades, só e exclusivamente estariam a serviço da destruição e do mal. Seria o partido que goza do direito de ser partido, tendo como único ideal impedir um dia que os outros o sejam e que os homens vivam livremente. Eis o risco que se diz semelhante ao de Deus que a democracia deve correr...

Que Deus nos perdoe de metê-lo em tais comparações e paralelos. Mas há uma luta permanente que a civilização tem que manter para se conservar viva contra os ataques da barbaria. Um dos aspectos dessa luta é o de combate ao sub-desenvolvimento. Refiro-me porém ao sub-desenvolvimento mental muito mais grave que qualquer outro e até fonte da gravidade do outro. Digo mais grave, inclusive porque mais difundido, e mais difuso. Se nos enquadramos, como país, entre os sub-desenvolvidos economicamente ou socialmente e se podemos contar com legítimas manifestações de subdesenvolvimento mental como o que nos ocupa hoje, êste é também violentamente encontradiço em tantas regiões cultas ou de economia perfeitamente desenvolvida.

Mas êste já é um outro assunto no qual não nos deteremos. A doutrina pregada pelo conferencista da Universidade Católica que, evidentemente não pertence a ela, é apenas uma entre muitas manifestações de um certo "bom-mocis-

mo" católico que lisongeia o adversário porque é gostoso parecer evoluido, bem aberto, bem independente, bem original. É no campo das idéias um fenômeno paralelo aos cabelos compridos, às barbas ou às roupas esquisitas e de côres exóticas de certos adolescentes em crise de exibicionismo às vêzes prolongada. No campo das idéias é ainda uma falta de amadurecimento dos problemas, é uma solução fácil que não exige maiores estudos, meditação e raciocínio: tudo se resolve com algumas frases, alguns chavões que nada definem, mas até agradam ao auditório que se quer agradar. É com isso também uma facilitação e diminuição do alto preço das virtudes cristãs, quando com um sorriso sem responsabilidade, uma lisonja sem compromissos se exibe uma caricatura da justiça, da caridade, da solicitude para com o próximo, da tolerância, da compreensão, da fraternidade e de tantas outras virtudes humanas e evangélicas. Mas, a verdade é que não se prega uma doutrina com a acomodação das lisonjas e com relativismo das facilitações. Prega-se uma doutrina com a convicção da verdade e com o empenho, o engajamento total de uma vida, não com as concessões oportunistas. O resultado é que quando o povo é chamado a pronunciar-se nas urnas a respeito dos que se abrem para a esquarda — refiro-me a "apertura a sinistra" da política italiana — preferem, a votar nos "bons-moços" rosados, votar de uma vez nos vermelhos; êstes ao menos estão onde sempre estiveram e sabem o que querem. Mas êste também já é um outro assunto que ainda poderá vir a ocupar-nos.

(Transmissão de 18.V.1963)

O DOM DAS LÁGRIMAS E A VISÃO DA PAZ

(*Para o 9.º Domingo depois de Pentecostes*)

Freqüentemente a mensagem cristã se nos apresenta como uma composição de paradoxos, um feixe ordenado de proposições, de idéias contraditórias. Há pouco era lembrado, com propriedade, o horror e ao mesmo tempo o apêlo do Sangue que o testemunho cristão demonstra diante do mundo; da mesma forma se poderia lembrar a antinomia da Paz e da luta, ou ainda, a mais arrebatadora, da Morte e da Vida.

Como mais fundamental e mais extrema antinomia que está na raiz e na fonte de tôdas as outras encontramos a própria realidade que nos apresenta o apêlo e a procura entre Deus e a Criatura humana.

Depois dêste imenso encontro, encontro de dois polos: Deus e o homem, que se dá na pessoa do Cristo Jesus, tôdas as outras antinomias e paradoxos são secundárias e estão maravilhosamente resolvidos.

É o pranto do Cristo diante da Cidade do mundo que nos sugere tais considerações. O trecho do capítulo 19 de S. Lucas que é lido pela Liturgia do Domingo de amanhã, omite o início da narrativa que nos fala de uma entrada triunfal de Jesus na Cidade do povo eleito, como tão expressivamente é comemorada pela Liturgia do Domingo de Ramos.

Por onde passava Jesus, o povo estendia seus mantos sôbre o caminho. Quando já se aproximava da descida do monte das Oliveiras, a multidão de discípulos, em transportes de alegria, começou a louvar a Deus, em altas vozes, por tôdas as maravilhas que havia presenciado, dizendo: Bendito o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e Glória nas alturas! Alguns dos fariseus que estavam no meio do povo disseram a Jesus: "Mestre, repreendei vossos discípulos". Mas êle lhes respondeu: "Eu vos digo que, se êles se calarem, as pedras gritarão."

Com isto se exprime evidentemente aquela inevitável resposta da natureza criada, diante do Criador que vem a ela, de modo que, se por absurdo, nem um só ser racional reconhecesse a presença do Filho de Deus sôbre a terra, não seria demais que as pedras se erguessem e assumissem as vozes humanas para louvar ao Senhor, já que as vozes dos homens se endureceram e se petrificaram. É imediatamente depois da resposta de Jesus, que tem início o trecho evangélico que é lido neste domingo 9.º de Pentecostes. "Quando chegou mais perto de Jerusalem e descortinou-se diante de seus olhos o panorama da cidade, Jesus chorou sôbre ela dizendo: Se tu também, neste dia que te é concedido pudesses compreender a paz que te é oferecida. Mas nêste momento, isto está oculto a teus olhos. Virão dias sôbre ti, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras e te pressionarão de todos os lados. Derribarão por terra a ti e a teus filhos que permanecerem dentro de teus muros. Não deixarão ficar pedra sôbre pedra, porque não soubeste reconhecer o tempo e o momento em que fôste visitada." De tudo isso se conclui que, o testemunho da Glória do Cristo na entrada de Jerusalem foi algo de inevitável, mas algo que estava destinado a ser um episódio isolado pois o grande mistério da visita de Deus

ao mundo é a permanência do mundo na mais terrível cegueira diante do fulgor escondido dessa visita. Há uns poucos que a reconhecem, que a identificam, como sendo a visita do Senhor, mas a grande massa dos senhores do mundo, dos que se fizeram como deuses, não sabe o que aqueles dias podem significar para êles como uma mensagem de Paz, isto é de Pacto — uma palavra vem da outra — e de Pacto entre o homem e Deus, o Senhor da Paz.

E é por isso que o Cristo chora. O dom de ciência está unido à bemaventurança das lágrimas. Os que choram e o fazem dentro da paradoxal bem aventurança cristã, encontrarão nessas lágrimas a chave e o segrêdo de um consôlo eterno, choram porque recebem do Espírito um dom que os faz ver um pouco das verdadeiras dimensões do bem e do mal se sobrepondo ao bem. É êste o dom de ciência que no Cristo existia desde sempre e que a nós, nos é dado gratuitamente, através do Cristo, como uma inspiração sobrenatural, um instinto divino que nos faz ver como as coisas naturais e humanas se ordenam ao seu fim último e servem a êste fim, que é Deus ou, ao contrário, dêles intelizmente discrepam, levando para o nada.

Diante dos sêres livres que se afastam de Deus, desconhecendo, em terrível cegueira, êste dia da visita de Deus aos homens, a alma humana do Cristo se comove até o pranto. O mesmo poderá Deus inspirar ao cristão, que vive com sua graça; depois de lhe infundir a ciência dos grandes obstáculos e das grandes recusas voluntárias diante da visita do Senhor, concede-lhe o comover-se e o imitar Jesus em seu pranto sôbre a cidade que foi destinada a ser o lugar de Deus e da Santificação.

O texto evangélico nesta sua primeira parte que narra a comoção de Jesus ao se aproximar da Cidade e que prediz sua destruição, o que se verificará de fato no ano 70 quando os romanos tomam a Cidade e a destroem, inclusive o templo, nos é apresentado com a discreta mas expressiva sensibilidade da arte gregoriana na Antifona: "Cum apropinquaret Dominus Jerusalem."

A continuação da narrativa evangélica nos apresenta a entrada de Jesus no templo e a expulsão de todos aqueles que se serviam do lugar sagrado para terem acobertados seus negócios particulares. Sobretudo causa a indignação do Mestre, mais que a profanação do lugar sagrado, a profanação do espírito religioso, isto é da disposição de uma procura

real e verdadeira de Deus. Se o dom da ciência é, como dizíamos há pouco, a capacidade de ver as coisas sobrenaturais e espirituais através das coisas materiais e temporais, enquanto estas se fazem transparentes, deixando ver aquelas, a atitude condenada pelo Cristo e firmemente enraizada no modo de ser do homem diante de Deus, em todos os tempos, são exatamente a atitude e a visão opostas: é transformar as coisas do espírito em serviçais das coisas e das situações dêste mundo. Se Deus se serve do templo e do Sacrifício para atrair a sensibilidade humana e para trazer todo o homem para si num contacto que parte do Espírito, nunca faltará quem se fixe nos símbolos e nas realidades intermediárias, desviando a resposta humana de seu verdadeiro objetivo e concentrando-a totalmente no puramente humano, com a agravante de manter-se a etiqueta de religião e de serviço do Senhor. Esta a impostura expurgada pelo Cristo, para que a casa do Senhor continue a ser uma casa de Oração, casa em que o homem pelo cume de seu espírito se une com Deus, em que Deus se une ao homem, inspirando o seu orar, ouvindo o anseio íntimo de seu coração de filho diante do Pai, e ensinando-lhe as verdades de sua condição de Filho de Deus. Verdades que o homem jamais poderá aprender e compreender se não as receber com submissão e veneração das próprias palavras de Deus, do próprio Verbo de Deus. Por isso o trecho evangélico conclui dizendo que: todos os dias, daí por diante, Jesus ensinova no templo. É essa segunda parte da narrativa evangélica que se exprime através da melodia gregoriana em uma outra Antífona da Liturgia do domingo de Amahã.

O dom de Ciência que nos faz ver, em sua dramática dimensão, algo do desastre e da desgraça que são produzidas pela recusa do ser livre diante do chamado e do testemunho do Espírito, nos fará também vislumbrar, de longe, o fulgor da Graça, o brilho interior da habitação de Deus na pessoa de seus eleitos. Terá sido a Graça criada por Deus, aquela, diante da qual, o vidente do Apocalipse se prostra em adoração como se estivesse diante do próprio Deus. Mas ela protesta dizendo: que fazes? não sou senão tua irmã. (Cf. cap. 19).

Santa Catarina de Sena, a quem o Cristo teria mostrado uma imágem de beleza da Graça divina, cheia de admiração dissera: Se não soubesse que existe um só Deus, pensaria ter mais um Deus diante de mim." Quem visse uma

alma na qual Deus reina por sua Graça, é Bossuet quem o diz, creria ver Deus mesmo, como se vê um segundo sol em um cristal polido onde êle se reflete com todos os seus raios. Assim, a alma humana se torna grande quando vista na dimensão de Deus. Ela que, quando deixada entregue aos seus próprios impulsos é capaz de se abaixar tanto e de mostrar-se tão exigua em sua angustiante mesquinhês. Ao contrário, aberta ao sôpro vivificador do Espírito, tanto se dilata, que só Deus será capaz de ocupá-la, de iluminá-la, de povoá-la totalmente; Deus sabendo disso, se faz através do Filho, do Verbo Encarnado, alimento da alma cristã, pois só Êle será capaz de alimentá-la e de saciá-la.

Muito especialmente naquela que é dita "cheia de Graça" ou cheia de Graça, Deus se faz conceber como filho em seio materno e dêle nasce como nascem as crianças que são o tudo daquelas que os carregaram como seu tesouro, durante longos meses. É na luz dessa ciência dos dons do Espírito que os fiéis penetram um pouco na compreensão do Mistério de Maria. Mãe de Deus, aquela que é cheia de Graças, que é a mãe e a causa de tôda a Alegria, que é a Mãe da Divina Graça que desce ao mundo para povoar de esperanças e transfigurar o coração dos homens.

Temos aqui, portanto, o outro polo a que nos leva o dom de ciência que, sendo o dom da bem aventurança das lágrimas é também o dom da consolação, da alegria e da esperança. A visão da Jerusalém terrestre que faz o Cristo chorar diante daqueles muros de pedras que não ficarão umas sôbre as outras, não se separa da visão de Jerusalem do alto, que é a Cidade da Eternidade, que é etimológica e realmente a visão da Paz. A comemoração litúrgica do Domingo nos apresenta a comoção do Cristo como um exemplo de um realismo dramático que não pode faltar às considerações que as realidades terrenas sugerem ao cristão; por outro lado a proximidade da festa da glorificação daquela que sendo totalmente igual a cada um de nós, quanto à natureza humana, mas que foi "cheia de Graças", mesmo antes de ser concebida, por especialissima prerrogativa divina, sobe aos céus com seu corpo mortal, como o nosso, é assumida por Deus para estar — corpo e alma — junto ao Filho, e isto, bem antes que sôe o momento em que os corpos se levantarão das sepulturas para participar da sorte da alma a que pertencem.

LITURGIA FONTE DE VIDA MORAL

Estudo dos SACRAMENTOS e das VIRTUDES como fundamento para o testemunho do cristão diante do mundo e de seus problemas, inclusive os que se referem à instauração de uma ORDEM SOCIAL CRISTÃ.

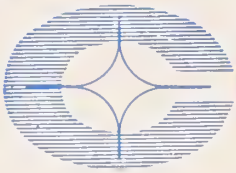
Curso de Conferências por

Dom JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.

Tôdas as Quintas-feiras, às 18 horas, a partir do dia 22 de Agôsto.

Centro D. Vital — Rua Araújo Pôrto Alegre, 70, 1º esquina da Rua México

Só Climax facilita o seu confôrto!



CLIMAX
VITORIA - 9,5 pés

Super Luxo

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País.
- O maior congelador existente, onde cabe um leitão ou um peru, inteiros (32 200 cm³)!
- Ampla gaveta plástica ("Quick Freezer") para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silencioso compressor P 91, econômico e de alto rendimento, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co. (U.S.A.).

ISNARD & CIA. S. A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 - São Paulo

TVES PETRVS

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9189

FOR LIBRARY USE ONLY